

Mudança genolexical: teoria e realidade

Graça Maria Rio-Torto
gracart@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal)

RESUMO. As teorias e as tipologias de mudança necessitam de ser validadas pelos dados históricos das alterações efectivamente ocorridas.

As teorias sequencialistas sobre mudança têm dificuldade em contemplar a enorme rede factores que dominam as alterações de valores das unidades linguísticas. A análise das mudanças semânticas no uso de *-eir-* requer evidencia a necessidade de adoptar um quadro teórico que não dicotomize lexicalização e gramaticalização, mas que incorpore fenómenos de subjectivização e de pragmatização, até porque estes são concomitantes com os demais.

PALAVRAS-CHAVE. Derivação, mudança semântica, subjectivização, sufixo, língua portuguesa

ABSTRACT. Theories and typologies of change need to be supported and validated by historical evidence which can establish the changes that effectively occurred.

Sequentialist theories of change encounter difficulties in accommodating the vast number of factors that determine the changes suffered by the value of linguistic units. An analysis of the semantic changes suffered by *-eir-* reveals the need for a theoretical framework which does not dichotomize lexicalization and grammaticalization, but which takes into account factors such as subjectivization and pragmatization, which after all coexist with the other ones.

KEY-WORDS. Derivation, semantic change, subjectification, suffix, Portuguese language.

«linguistic typology which in the twentieth century was reduced to a synchronic discipline, is here conceived as evolutive typology. Consequently, the theory of grammaticalization is tied, from the very start, to evolutive typology» (Lehmann 2002: 2).

1. Introdução

Constitui objectivo desta comunicação reflectir sobre a relação entre teorias e realidade da mudança linguística, indagar em que medida os esquemas de mutação formulados no âmbito das “teorias da mudança” se compaginam ou não com a efectiva evolução empírica que os usos imprimem a um dado domínio da realidade linguística. Tomamos como objecto de estudo um sector genolexical específico, o que envolve os sufixos *-eir-*, por se prestar a uma reanálise à luz dos objectivos enunciados, uma vez que envolve léxico, semântica e subjectivização, três dimensões sempre interpelantes na análise da linguagem e na teorização sobre mudança linguística.

Os dados empíricos são extraídos (i) do corpus do português organizado por Michael Ferreira e por Mike David (www.corpusdoportugues.org), envolvendo fontes documentais dos séculos XIII a XX¹, (ii) de fontes documentais analisadas em Coelho (2005), representativas do português arcaico (galego-português e médio), e ainda (iii) dos estudos levados a cabo por Viaro (2002; 2007).

2. Breve conspecto teórico

Conhecer o modo como a teoria da mudança se compagina com a efectiva mutação da realidade lexical e semântica que as línguas acusam no seu devir histórico leva-nos forçosamente a reflectir sobre os modelos de representação que, sobre esta matéria, têm sido disponibilizados pela ciência da linguagem. Incontornáveis são, neste âmbito, os modelos de gramaticalização e de lexicalização, tão

¹ As pesquisas realizadas em www.corpusdoportugues.org reportam-se à data de 03-04-2008, em que se procedeu à reconfirmação dos dados anteriormente recolhidos.

recorrentemente invocados para enquadrar as mudanças no interior dos sistemas linguísticos.

Os primeiros modelos de gramaticalização e de lexicalização disponíveis são tipicamente unidirecionalistas.

Para Givón (1979: 208-209), as fases de um processo de gramaticalização percorrem um trilho do seguinte tipo: DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÉMICA > ZERO.

Neste esquema não é claro o lugar do léxico e da semântica e, por consequência, dos processos de (des)lexicalização e de (des)semanticização.

Para quem dissocia de forma radicalmente antagónica léxico de gramática, a gramaticalização implica deslexicalização, dessemanticização referencial, des-referencialização, um maior grau de funcionalidade morfo-sintáctico, rumo a uma textualização/discursivização e/ou pragmatização acrescida; ao invés, a lexicalização traduz-se por desgramaticalização, acréscimo de semanticização referencial ou de referencialização.

É sensivelmente este o ponto de vista já há muito defendido por Jerzy Kurylowicz, para quem “grammaticalization consists in the increase of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, eg. from a derivative formant to an inflectional one” (Kurylowicz 1975: 52). A esta concepção de gramaticalização contrapõe o autor a de lexicalização.

Em Heine *et al.* (1991: 213) elencam-se alguns efeitos das diversas modalidades de gramaticalização, traduzidos do seguinte modo nos diferentes níveis de organização da língua:

Quadro I. Modalidades de gramaticalização (Heine *et al.* 1991)

Semantic	Concrete meaning > abstract meaning Lexical content > grammatical content
Pragmatic	Pragmatic function > syntactic function
Morphological	Free form > clitic > bound form Compounding > derivation > inflection
Phonological	Full form > reduced form > loss in segmental status

Neste modelo, pragmatização contrapõe-se a gramaticalização, na medida em que esta se manifesta por maior índice de sintactização e correspondente menor funcionalidade gramática. Também a

gramaticalização se contrapõe a lexicalização, uma vez que a presença acrescida de um conteúdo gramatical corresponde a perda de conteúdo lexical. E não é igualmente linear que a transição de um sentido concreto para um abstracto corresponda necessariamente a gramaticalização.

Os modelos unidireccionalistas são necessariamente redutores, porquanto não permitem uma articulação intermodal entre diferentes componentes da língua.

Uma concepção arquitectural de gramática, como a jackendoffiana, abre portas para outros modos, já não unilineares, mas preferencialmente modulares e interactivos² de encarar a gramaticalização, a lexicalização e bem assim outros processo de alteração do estatuto ou dos valores semióticos das unidades linguísticas.

Um problema crucial para a descrição dos dados em análise consiste no facto de o funcionamento das línguas não se limitar a estes dois pólos de ancoragem – a gramática e o léxico – mas envolver outros níveis de organização, como o semântico e o pragmático, que importa incorporar na modelização da mudança. Como se constata neste trabalho, através da observação dos dados derivacionais (cf. 2), a tradicional visão dicotómica da gramaticalização e da lexicalização não contempla, pelo menos sem algum desconforto ou até contra-dição interna, os processos de discursivização, de pragmatização e de subjectivização (Athanasiadou *et al.* 2006).

Acresce que os esquemas unidireccionais e sequencialistas de mudança dificilmente conseguem explicar fenómenos de coexistência e/ou de sobreposição de conteúdos subjectivos, de tipo avaliativo e/ou de modalização, com conteúdos denotacionais mais específicos, como os locativo, colectivo, instrumental, agentivo.

Nos anos mais recentes, Ataliba de Castilho, baseando-se numa concepção dinâmica e multissistémica da língua, em que não há hierarquização entre componentes ou módulos destas, mas interacção entre eles, propõe que a mudança linguística compreende quatro tipos de

² Tenha-se em conta que as expressões linguísticas exibem simultaneamente propriedades lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas. A mente humana, ao processar as informações extralinguísticas e linguísticas, opera simultaneamente sobre o conjunto das categorias lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas codificadas nos respectivos sistemas.

processos: gramaticalização; lexicalização (entendida como o processo de criação de itens lexicais); semanticização e discursivização.

Vamos deter-nos sobre o que este autor entende por semanticização, por ser um aspecto crucial para a análise dos dados que nos propomos levar a acabo.

Para Castilho, a Semântica é a componente de criação de significados “baseada em estratégias cognitivas tais como o emolduramento da cena, a hierarquização de seus participantes, a organização do campo visual, a movimentação real ou fictícia dos participantes, sua reconstrução através da metáfora e da metonímia, etc. Daqui resultam as categorias semânticas de dêixis, referenciação, predicação, foricidade e conexidade” (Castilho 2006: 251). Como produto da semanticização temos “os sentidos das palavras (Semântica lexical), as significações composicionais das expressões multivocabulares (Semântica sintática) e os significados inferenciais (Semântica pragmática)” (Castilho 2006: 265).

Como este salienta, uma teoria sobre mudança deve ser multifactorial e interactiva entre condicionantes internas e externas da mudança; deve centrar-se não apenas em fenómenos de gramaticalização e de lexicalização mas também em outros processos como a subjectivização e a pragmatização, que muitas vezes coexistem com os demais, e integrá-los harmonicamente para a explicação dos factos.

O esquema de Heine *et al.* (1991: 157) PERSON-OBJECT-ACTIVITY/PROCESS-SPACE-TIME-QUALITY, se bem que sequencialista, reflecte alguns dos valores associados aos derivados em *-eir-*. Mas onde incluir os valores de intensidade, de avaliação e de expressividade de alguns produtos em *-eir-* (*bigodeira*, *discurseira*, *snoqueira*), e que representam uma fonte de renovação genolexical singular no transcurso dos paradigmas derivacionais do português? Como incorporar em modelos unidireccionais os casos explícitos de valores que se desenvolvem de forma não sucedânea, mas simultânea, ainda que eventualmente com um estatuto ou um peso diferentes? Os trabalhos de Traugott, adiante mencionados, trazem respostas plausíveis para estas interrogações.

2. Análises dos dados

2.1. Uma análise cognitivista

Almeida & Gonçalves (2005) propõem-se descrever, tendo por quadro de referência a relação fillmoriana entre a “cena” de evento e os seus actantes (quem faz o quê, onde, como, com quê, com que finalidade), a rede que explica a extensão polissémica dos diferentes valores que o sufixo *-eiro* manifesta. No centro dessa rede encontra-se o valor agentivo e dele se derivam os valores locativo e intensificador.

O centro básico prototípico dos agentivos é preenchido pelo conjunto dos denotadores de agentes profissionais. Por extensão metafórica, deste grupo derivam-se dois outros: os denotadores de agentes habituais e naturais³. Em ambos os casos está em jogo um mesmo processo cognitivo: a conceptualização de um domínio em termos de outro.

Os locativos e os modais implicam uma alteração de foco nos elementos da cena. “No primeiro caso, focaliza-se o local pelo agente; no segundo, o modo ou atributo da ação” (Almeida & Gonçalves 2005: 244).

Os intensificadores são, no entender dos autores, derivados dos locativos, havendo neles um traço de multiplicidade que é refocalizado como excesso de algo.

Faltaria salientar que os adjectivos que preenchem a classe de Modo/atributo da acção também são marcados por um traço de intensidade e de excessividade, e até não raro de depreciação.

Este constructo reflecte, em parte, o esquema de gramaticalização PERSON-OBJECT-SPACE-TIME-PROCESS-QUALITY.

Mas sobretudo ele postula uma ordem de deriva semântico-derivacional (cf. Quadro II) cuja fundamentação carece de evidência conceptual e empírica, e que não coincide inteiramente com os trilhos de evolução histórica dos valores semânticos efectivamente atestados de *-eir-*, do século XIII até ao presente.

³ “As extensões parecem se dar do seguinte modo: se 1. Trabalhar é agir (agente profissional), então, 2. Praticar algo habitualmente é agir (agente habitual) e 3. Produzir naturalmente é agir (agente natural)” (Almeida & Gonçalves 2005: 244).

Quadro II. Evolução da rede polissêmica de -eiro (Almeida & Gonçalves 2005)

1 AGENTE (<i>pedreiro</i>) 1a AGENTE HABITUAL (<i>fofoqueiro</i>), 1b AGENTE NATURAL (<i>coqueiro</i>)
2 LOCAL (<i>cinzeiro, galinheiro</i>) 2b. INTENSIFICAÇÃO/EXCESSO (<i>nevoeiro, lamaceiro</i>)
3 MODO/ATRIBUTO da ACÇÃO (<i>grosseiro, certoiro</i>)

Para observarmos os dados de *-eir-* ao longo dos séculos recorreremos aos trabalhos de Coelho (2004), sobre o português arcaico em suas duas fases (2.2.), e depois aos trabalhos de Viaro (2007) sobre a evolução deste sufixo e ao www.corpusdoportuguês.org/, disponível em linha (2.3.).

2.2. O sufixo -eir- no português arcaico

Segundo Coelho (2004), são os seguintes os tipos semântico-derivacionais de produtos em *-eir-*, nas duas fases do português arcaico.

Quadro III. Tipos semânticos de produtos em *-eir-* no português arcaico (Coelho 2004)

Tipos derivacionais Coelho 2004	Port. Arcaico 1ª fase Sec. XIII-1385: alguns exemplos	Port. Arcaico 2ª fase 1385-1536: alguns exemplos
(i). Nomes de agente humano	albergueiro, armeiro, barbeiro, besteiro, çapateiro, cavaleiro, conselheiro, despenseiro, escudeiro, guerreiro, justiceiro, mercadeiro, messejeiro, ouvelheiro, pousadeiro, quinhoeiro	archeiro, beesteiro, camareiro, conselheiro, despenseiro, porteiro, pregoeiro, soldadeiro, thesoureiro, trombeiro
(ii).(Nomes) adjec-tivos	braceiro, certoiro, falseyro, mentireiro, tenreiro, uerdadeyro, usureiro, praceiro	estrangeiro, praceiro, postumeiro, viandeiro
(iii). Nomes de instrumento	cevadeira, esmolneira, geolheira, goteyra, lumeeira, sombreyro	barreira, candieiro, fogueira, topeteira, traseira
(iv).nomes loca-tivos	cabeceira, cativeiro, celeiro, galinheiro	catyveiro, galinheiro
(v). Nomes de árvore	figueira, maceeyra, oliveira	Ø ocorrências

Em função das fontes compulsadas e dos dados nela recolhidos⁴, verifica-se que os nomes de agente humano são os mais numerosos, com percentagens que se situam acima dos 50%, seguindo-se os adjectivos, muitas vezes usados como predicadores de ser humano, com percentagens acima dos 20%. Abaixo situam-se os instrumentais e os locativos, com valores entre 8% e 14% e, no fim da tabela, os nomes de árvores, com apenas 2,3%, e \emptyset na segunda fase.

⁴ Os dados recolhidos por Coelho são bastante diversificados, no que diz respeito à tipologia das fontes compulsadas – fontes secundárias, para o galego-português, e fontes primárias, para o português médio –, no que diz respeito à natureza tipológica dos textos analisados, em ambos os períodos, e no que diz respeito ao volume de dados tratados de cada uma das fases do português arcaico.

As fontes seleccionadas para o galego-português são de três tipos:

- (i) documentação poética: glossário da edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda* (Carolina Michaëlis de Vasconcelos 1990. *Cancioneiro da Ajuda*. Vol. I (*Glossário do Cancioneiro da Ajuda*). Revista Lusitana, vol. XXIII, 1920. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda); glossário da edição crítica das *Cantigas de escárnio e de mal dizer* (M. Rodrigues Lapa 1965. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*. Coimbra: Galaxia); e glossário da edição crítica das *Cantigas de Santa Maria* (Walter Mettmam 1972. *Cantigas de Santa Maria*. Vol. IV (*glossário*). Coimbra: Universitatis Conimbrigensis)
- (ii) documentação em prosa não literária (documentos de natureza judicial): glossário da edição crítica do *Foro Real* (José de Azevedo Ferreira 1987. *Foro Real*, vol. II (*glossário*). Lisboa: INIC).
- (iii) documentação em prosa literária, traduzida (*Índice geral de palavras lexicais dos Diálogos de São Gregório*: Rosa Virgínia Mattos e Silva 1971. *A mais antiga versão portuguesa dos quarto livros dos Diálogos de São Gregório*. Vol. IV (*índice geral das palavras lexicais*). Tese de Doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo), ou escrita em português (Bertil Maler 1964. *Orto do Esposo*. Vol III (*glossário*). Stockholm: Almqvist & Wiksell).

Para o português médio, a recolha de dados recai sobre as 100 primeiras páginas de cada uma das seguintes obras: *Crónica de D. Pedro de Menezes*, de Gomes Eanes de Zurara. Edição e Estudo de Maria Teresa Brocardo 1997. Lisboa: FCG e JNICT; *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes (edición crítica, com introdução e glosario por Giuliano Macchi 1966. Roma: Ateneo); *Vida e feitos de Júlio César* (ed. Maria Helena Mira Mateus 1971. Lisboa: FCG); *Vida e feitos de D. João II*, de Garcia de Resende (ed. Evelina Verdelho 1994. In: *Livro das obras de Garcia de Resende*. Lisboa: FCG).

Quadro IV. Ocorrências e percentagens de produtos em *-eir-* no português arcaico

Tipos derivacionais (Coelho 2004)	Port. Arcaico 1ª fase Sec. XIII-1385: 126 ocorrências*: 100%	Port. Arcaico 2ª fase 1385-1536: 77 ocorrências: 100%
(i). Nomes de agente humano	66 ocorrências: 52,4%	44 ocorrências: 57,1%
(ii). adjectivos	32 ocorrências: 25,4%	16 ocorrências: 20,8%
(iii). Nomes de instrumento	13 ocorrências: 10,3%	6 ocorrências: 7,8%
(iv). nomes locativos	12 ocorrências: 9,52%	11 ocorrências: 14,3%
(v). Nomes de árvore	3 ocorrências: 2,38%	∅ ocorrências

* Em cada coluna as percentagens reportam-se ao total de ocorrências de cada fase.

2.3. O sufixo *-eir-* ao longo da história

Para termos uma panorâmica mais enriquecida do comportamento de *-eir-* ao longo dos séculos cruzaremos as informações de Coelho (2004) e de Viaro (2007)⁵ com a nossa observação dos dados contextualizados extraídos de www.corpusdoportugues.org⁶. A pesquisa por nós realizada nesta base de dados contempla os derivados em *-eir-* doravante mencionados, em vista a uma confirmação ou infirmação do valor semântico que lhes tem sido atribuído extra-contextualmente, e da interpretação do mesmo em função da fonte textual em que ocorre.

⁵ O estudo de Viaro (2007) baseia-se nos dados empíricos coligidos no Houaiss (2001), posteriormente filtrados por uma criteriosa análise etimológica, que permite expurgar do *corpus* as palavras portadoras de *-eir-* não derivadas. Neste trabalho o autor elenca vinte e cinco significações associadas aos derivados em *-eir-*, que agrupa em sete séries derivativas, cada uma das quais comporta diversas classes semântico-derivacionais.

⁶ A necessidade de observar em contexto os dados em análise torna-se imperiosa, sob pena de podermos incorrer em erros de interpretação. A par com *galinheiro* locativo registado no século XVI, encontrámos (cf. www.corpusdoportugues.org) num texto vicentino *galinheiro* com valor adjectival-atributivo, funcionando como aposto que remete para a actividade profissional de Valejo: “sospirando entre cantar e cantar entrará enha sobrinha e Costança das Ortigas que em todo Val das Corigas nem na vila mui asinha nam jazem tais raparigas. E como entrar sairá a bailar Valejo o *galinheiro* qu’em Tomar chamava ao coelho conejo esse mesmo há de bailar e por fêsta a Ramalhoa bailarà com Pero Luz vestido no seu capuz”.

Antes do século XIII, os produtos em *-eir-* são essencialmente adjetivos (*dianteiro*, *traseiro*) e nomes de agentes de actividades profissionais (*vaqueiro*), dando continuidade ao valor latino de *-ARIU-*. A construção destes dois tipos de derivados nunca foi desactivada pela língua, até ao presente (cf. *boavisteiro* '(simpatizante, adepto) do Boavista', *doleiro* 'vendedor de dólares'), mas ao longo da história constata-se uma reatualização dos sentidos concretos, dominantes nas primeiras fases da língua, em favor de sentidos mais abstractos, fenómeno a que alguns autores identificam como 'bleaching' (Booij 2005: 266).

No século XIII começam a ter maior expressão numérica os nomes locativos, os nomes de "objecto relacionado com x" e os nomes de árvores e arbustivas. A formação destes tipos de nomes em *-eir-* está consolidada no século seguinte, como se depreende da amostragem patente no Quadro III e nas respectivas percentagens documentadas no Quadro IV.

No século XV surgem nomes de estado (*cegueira*)⁷ e nomes de quantidade/intensidade, como *cabeleira* e *nevoeiro* (*neuoeyro*, segundo Cunha (1997), já no século XIV).

No entender de Viaro os séculos XVI e XVII são períodos de grandes novidades no que à produção de derivados em *-eir-* diz respeito. São destes séculos palavras que denotam:

- (i) adjetivos modalizados como *aventureiro*, *casamenteiro*, *grosseiro*, *lisonjeiro* (século XVI: Cunha (1997) e www.corpusdoportugues.org), *gazeteiro*, *mexeriqueiro* (sec. XVII: www.corpusdoportugues.org) que, uma vez nominalizados, denotam "pessoa que tem,

⁷ Nas Cantigas de Santa Maria os nomes atitudinais e/ou de qualidade são portadores de *-dade* (*deslealdade*, *falssidade*, *maldade*, *piadade*), *-eza* (*braveza*, *crueza*, *fereza*, *vileza*), *-ia* (*aleivosia*, *cortesia*, *covardia*, *ousadia*, *sobervia*), *-ura* (*queixadura*, *usura*). As formas *-ice*, *-ícia* ou *-ície* estão ausentes deste corpus. Tenha-se igualmente em conta que, no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, datado de 1437/1438 (cf. Caetano Mocho, 2003), obra de uma época em que a criação lexical de denominações abstractas sofreu um impulso tão significativo, os nomes de propriedade são portadores dos sufixos *-eza* (*avareza*, *blandezza*, *curteza*, *firmeza*, *fraqueza*, *grandeza*, *graveza*, *igualleza*, *largueza*, *limpeza*, *malleza*, *naturalleza*, *pequeneza*, *simpleza*, *riqueza*, *tristeza*), *-dade* (*averssydade*, *castidade*, *contrariedade*, *cujidade*, *famylarydade*, *graciosidade*, *infielidade*, *levydade*), *-ice* (*gargantuyce*, *golsice*, *ledice*, *sandice*, *pequyce*, *velhice*) e *-ura* (*dereitura*, *dulçura*, *fremosura*, *letradura*, *queentura*, *soltura*), não se registando, num texto desta natureza, nomes abstractos em *-eira*, e muito menos marcados por semas jocosos ou expressivos.

- manifesta, faz muito x". O adjectivo *certo* já se encontra documentado na 1ª fase do Português Arcaico), e
- (ii) "acto típico de x", como *ladroeira*. Este encontra-se documentado na *Arte de Furtar* (1645), como denotador de estado ("Meta cada hum a mão em sua consciencia, e achará a prova do que digo, que este mundo he huma *ladroeira*, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ interesses, credits, honras, vaidades") e com leitura de estado ou atitudinal ("e se alguns ha, que não se mantenhaõ de outros viventes, tomaõ seu pasto dos frutos alheos, que não cultivaraõ; com que vem a ser huma pura *ladroeira*; tanto que até nas arvores ha ladroens")⁸.

No século XVIII documentam-se alguns gentílicos, denotando "que provém de x", como *mineiro*, *brasileiro*, *campineiro* (Viaro 2007). Segundo Cunha (1997), o gentílico *brasileiro* apenas se documenta no século XIX e *mineiro* já no século XVII.

Importa mencionar que desde sempre em português o sufixo *-eir-* concorreu com muitos outros sufixos também portadores de valor gentílico, pátrio ou étnico, razão pela qual ao longo dos séculos viria a revelar-se menos aproveitado para tais funções. Recorde-se que, de acordo com Viaro (2002), nas 420 *Cantigas de Santa Maria*, compostas no último quartel do séc. XIII (1270-1282), o sufixo predominante para esta função é *-ão*, *-ãa* (v.g. *perssião*, *romão*, *africão*, *aleimãa*, *aldeão*, *vilão*). Os demais étnicos são portadores de *-es* (*burgues*, *genoes*, *frances*, *marques*, *leones*), não ocorrendo formas com o sufixo *-ense*. O sufixo *-en-* está representado apenas no adjectivo *damasceno*.

A grande novidade do século XIX são os nomes de "estado em que se V intensamente", tais como *baboseira*, *barulheira*, *discurseira*, *maluqueira*, *tonteira*, todos usados em registos e/ou com objectivos

⁸ No século XVI João de Barros, nas *Décadas da Asia* (Década Segunda, Livros I-X), regista *ladroeira* com sentido colectivo, como se prova no excerto "e limpa gente como eles traziam, ao menos queimaria as naus que leixara no estaleiro. As quais ele desejava tanto queimar, como tomar a mesma cidade, porque não estava em razão leixar aquela *ladroeira* com os mouros mui escandalizados, e ir ao Mar Roixo e a Ormuz, pera, partido ele, saírem eles dali e fazerem-se senhores de toda aquela costa". (cf. www.corpusdoportugues.org).

expressivos. Os nomes *bebedeira*⁹ e *pasmaceira* já estão atestados no século XVIII. De acordo com o /www.corpusdoportugues/, *barulheira*, *maluqueira* e *tonteira* apenas se registam no século XX, e é igualmente neste século que se abonam *bigodeira* (muito usado por Eça de Queirós, em *A Ilustre Casa de Ramires*), *jeiteira*, *inverneira*, *preguiceira*.

Sumariando: pela sua natureza predicativa, os adjectivos denominais em *-eir-* prestam-se a serem marcados por traços convencionais de modalização e de intensidade, traduzidas por “que gosta de x, que pratica muito x” (*aventureiro*) e/ou por avaliação apreciativa (*certo*, *verdadeiro*) ou depreciativa (*grosseiro*, *interesseiro*), consoante a semântica da base e/ou os valores a esta associados. Os traços de quantidade e de intensidade estão igualmente presentes em muitos locativos (*barreiro*, *pedreira*), em nomes de fenómenos meteorológicos, como *nevoeiro*, *chuveiro* (sec. XV) significando ‘forte pancada de chuva’ (Viaro 2007: 63)¹⁰; e a nomes como *esterqueira* ou *lamaceiro* também estão associados semas avaliativos negativos.

As marcas avaliativa e intensiva/excessiva são, portanto, concomitantes de diversos valores denotacionais veiculados pelos derivados em *-eir-*, nada impedindo, *a priori*, que com eles continuem a coexistir.

3. Capitalização renovada de valores antigos: motivações possíveis

À medida que a língua se aproxima da actualidade, há maior abertura do sufixo à produção de nomes deadjectivais, de estado, de processo e/ou atitudinais em *-eir-*, e simultaneamente uma presença acrescida de marcas de intensidade e de expressividade, de depreciatividade (que pode ser moderada, empática, complacente), patente em *barulheira*, *discurseira*, *maluqueira*, *nervoseira*, *tonteira*, *vergonheira*.

⁹ No século XIV o equivalente era *bebedeçe* (Cunha 1997), por *bebedice*.

¹⁰ Também em documentos do século XVII (cf. /www.corpusdoportugues.org/) *chuveiro* acusa este valor intensivo: Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, 1631: “Cessou aquele espanto e terror; mas logo sobrevêo outro, que foi um *chuveiro* de água tao grossa e tao extraordinária, que zo passou polo encarecimento que dizemos de ‘chover a cantaros’”; e *Diário do Conde de Sarzedas* “deu hum pé de vento com hum *chuveiro* tam rijo que dezemparrarão os artilheiros o cabrastante ...”.

Não sendo estes valores de intensidade/excessividade/avaliação (e os denotacionais a que estes se acoplam) exclusivos desta fase recente da história da língua, verifica-se todavia uma activação acrescida dos mesmos, exponenciando uma trilha antiga de subjectivização no uso do sufixo.

Estamos, pois, perante um processo de expansão e de enriquecimento semântico, a um tempo de tipo denotacional (reforço na formação de nomes de estado e/ou de atitude), e simultaneamente de tipo subjectivo, expressivo, interpessoal. Este mecanismo de subjectivização, de mais-valia expressiva associada a estes nomes, inscreve-se numa tendência há muito assinalada, e que as palavras de (Traugott 1986: 549) ilustram: “meanings tend to come to refer less to objective situations and more to subjective ones (including speaker point of view)”.

Que razões explicam esta inflexão na semântica de *-eir-*, nos seus primórdios tão centrada na formação de nomes concretos (agentes, objectos, locativos), quando a língua já dispõe de tantos e de tão expressivos sufixos de intensificação e de codificação da (inter)subjectividade?

É sabido que, na evolução das mudanças semânticas, os fenómenos de subjectivização e de pragmatização são tendencialmente posteriores aos demais¹¹: “Pragmatic meanings are grammaticalized latter than non-pragmatic (or prepositional) ones. [...] Meanings typically shift from what is said to what is meant” (Traugott & König 1991: 192-193).

É igualmente sabido que a subjectivização é um fenómeno pervasivo, transversal a vários paradigmas e sectores da língua. Os derivados em *-eir-*, mormente os adjectivos, e sobretudo quando predicam ser humano, desde cedo acumulam valores avaliativos favoráveis (*certeiro*, *verdadeiro*) ou desfavoráveis (*grosseiro*, *mentireiro*). Mas a percepção dos motivos que fazem com que o espectro de actuação

¹¹ Traugott considera como princípios de mudança semântica mais relevantes os que envolvem evolução de uma situação externamente representada para uma situação internamente (avaliativamente, cognitivamente) representada e evolução de situação textual para um estado de coisas assente nas crenças subjectivas do falante. Nas suas palavras, “If there occurs a meaning-shift which, in the process of grammaticalization, entails shifts from one functional-semantic component to another, then such a shift is more likely to be from propositional through textual to expressive then in reverse direction” (Traugott 1982: 256).

de *-eir-* se tenha alargado de modo tão sensível a nomes de atitude (*maroteira*), de qualidade e/ou de estado (*maluqueira*, *piroseira*, *inverneira*, *caloreira*), carreando consigo marcas de subjectividade e de expressividade tão impressionantes, muito provavelmente encontra-se também nas relações de força que os diferentes valores do sufixo foram acusando ao longo do seu transcurso histórico.

A correlação entre o funcionamento de *-eir-* e de outros sufixos cofuncionais, ao longo da história do português, ajuda certamente a explicar as tendências assinaladas. A grande polivalência do sufixo, associada à cristalização e/ou ao desgaste de alguns dos seus valores mais matriciais, propiciam a emergência de valores renovados, um dos quais envolve a valorização nos padrões derivacionais de marcas de subjectivização e de pragmatização que, *a priori*, já estavam neles subliminarmente inscritos.

O valor mais representado de *-eir-*, desde os primórdios da língua portuguesa, é o agentivo, como se comprova nos dados esquematizados nos Quadros III e IV.

Um estudo sistemático dos paradigmas derivacionais nas *Cantigas de Santa Maria*¹² permite confirmar que os derivados em *-eir-* são essencialmente denotadores de profissões. Segundo Viaro (2002), os nomes de profissões mais abundantes terminam em *-eiro*, *-ario*, *-airo* (*leitoario*, *marinheiro*, *tesoureiro*, *cavaleiro*, *pedreiro*). Os deverbais em *-dor* oscilam entre um valor denominativo (*leedor*, *fazedor*, *malfeitor*, *servidor*, *trobador*) e um valor predicativo (*amador*, *peccador*, *sabedor*, *vingador*).

O valor agentivo do sufixo desde cedo concorre, portanto, com o de um outro sufixo isofuncional: *-dor*. Mais tarde, *-eir-* e *-dor* viriam a sofrer a concorrência de *-ista*, que se associa tendencialmente às denominações de profissionais de actividades marcadas por especialização técnica (*anestésista*, *cientista*, *internista*, *pianista*), reservando-se as denominações em *-eir-* essencialmente para actividades artesanais e menos prestigiadas socioculturalmente (*calceteiro*, *guarda-soleiro*, *pedreiro*, *sapateiro*, *taberneiro*).

¹² A análise dos dados não pode abstrair da tipologia de textos em que estes ocorrem e em consonância com a qual foram processados. Não obstante as particularidades temáticas e poético-textuais das *Cantigas de Santa Maria*, a verdade é que dispomos de um estudo global, quantificado e criterioso dos derivados nelas presentes (Viaro 2002), o que nos fez não prescindir do seu concurso.

As denominações de artefactos ‘contentores’ (*açucareiro, bombo-neira, esmolneira, goteyra, louceiro, saladeira, tinteiro*) e de locativos (*pedreira*) incluem no seu semantismo traços de quantidade e/ou de intensidade (*esterqueira, lamaceiro*), que mais tarde se estendem a outras classes de nomes.

Por seu turno, os nomes de propriedade e/ou de estado (*cegueira, gagueira*), os atitudinais (*asneira, desgraceira, ladroeira, maroteira, piroseira*) e as denominações ou os predicadores de ser humano (*aventureiro, casamenteiro, fofoqueiro, usureiro*) também se prestam a carrear uma marca avaliativa, de sinal positivo ou negativo, consoante os valores associados aos denotados.

Ou seja, em nomes de ‘local onde existe grande quantidade de X, ou X em quantidade/intensidade elevada’ (*esterqueira, lamaceira, pedreira*), em nomes colectivos (*buraqueira, ladroeira*) e até de estado (*bebedeira, gagueira*), já estão presentes traços de quantidade e/ou intensidade e/ou depreciatividade que se generalizaram a outros nomes mais recentes, sejam deadjectivais (*tonteira*), atitudinais (*baboseira, griteira, parvoeira, parvalheira*), de processo (*tosseira*), ou de estado (*caloreira, pasmaceira*), e até mesmo a denominais em *-eir-* (*barulheira, bigodeira, inverneira, jeiteira, preguiceira*). Nestes casos de excessividade não se aplica a metáfora “more is up; less is down” (Heine *et al.* 1991: 51), tão invocada pela linguística cognitiva, se os denotados pela base forem marcados depreciativamente.

A par com o processo de marcação subjectiva e expressiva que atinge algumas classes de derivados portadores de *-eir-*, o sufixo passa a acoplar-se a base nominais para formar nomes de sentido avaliativo-intensivo (*bigodeira, inverneira, jeiteira*), alargando a sua amplitude denotacional, combinatorial e categorial.

O transcurso evolutivo dos valores deste sufixo, tal como o de outros, revela uma subjectivização/uma pragmatização de sinal crescente, marcada por acentuada transversalidade, que não anula os valores mais matriciais do sufixo. Trata-se certamente de marcas semânticas convencionais associadas ao uso deste sufixo¹³, distinguindo-os

¹³ Essas significações podem ser encaradas como implicaturas convencionais de sentido, uma vez que são parte do significado culturalmente convencionalizado, codificado e partilhado dos itens lexicais, e não interferem com as condições de verdade do seu uso.

assim dos mais neutros, como *-idade* (*singularidade, racionalidade*) ou *-ia* (*alegria, melhoria, ousadia*).

O traço de expressividade presente em *nervoseira* está ausente de *nervosismo*, marcado pela tecnicidade que caracteriza os derivados em *-ismo*. O mesmo se aplica a *teimosia* e *teimoseira* ‘teimosia intensa, excessiva e verbalizada como expressiva’, por oposição a *teimosia*, não marcado quanto a estes traços. O contraste entre *piroseira* e *pirosice* põe em relevo a marca pejorativa¹⁴, mas não necessariamente intensiva, de *-ice*, ao mesmo tempo que a depreciacção, a intensidade e a expressividade associadas ao derivado em *-eir-*.

A grande polivalência deste sufixo (no sentido de seleccionar várias classes de palavras de base e de gerar produtos de várias classes categoriais), na qual já se inscreve uma natural associação entre quantidade-excessividade-intensidade-depreciatividade-expressividade, e o facto de estes dois últimos traços não marcarem os sufixos cofuncionais *-dade* ou *-ia* mais neutros, na formação de nomes de estado e/ou de actividade, favorecem a associação de tais valores aos derivados em *-eira*.

A activação de valores expressivos, avaliativos, de manifestação da atitude do falante relativamente ao denotado e/ou de suporte de interactividade modalizada para com o interlocutor é certamente um expediente a que a língua recorre para inscrever a subjectividade no seu sistema derivacional, codificando-a de forma muito mais impressiva e reprodutiva, otimizando assim um recurso afixal tão representativo quanto *-eir-* para os fins intercomunicativos que, em última instância, definem e modelam o uso das línguas¹⁵.

Por fim, não existe correspondência entre a explicação de base cognitivista aventada em 2.1. e a realidade empírica observada, pois a

¹⁴ Esta marca depreciativa não é sistemática, como se observa em *meninice* ou *ledice*.

¹⁵ As duas seguintes tendências de mudança semântico-pragmática identificadas por Traugott & König (1991: 208-209) espelham de forma paradigmática a situação de mudança protagonizada por *-eir-*:

“Semantic-pragmatic Tendency I: Meanings based in the external described situation > meanings based in the internal (evaluative/perceptual/cognitive) situation [...]

Semantic-pragmatic Tendency III: Meanings tend to become increasingly situated in the speaker’s subjective belief-state/attitude toward the situation.”

deriva semântica proposta (cf. Quadro III) colide com a cronologia e com os percursos das co-ocorrências efectivamente registadas nas diferentes classes semântico-derivacionais em que *-eir-* está presente. Desde sempre os locativos (*lamaceiro*, *esterqueira*) acusaram marcas de grande quantidade, de intensidade, de excessividade e de avaliação (tendencialmente negativa), do mesmo modo que aos atributivos (*aventureiro*, *fofoqueiro*, *grosseiro*, *mentireiro*, *mexeriqueiro*) e aos atitudinais (*asneira*, *baboseira*, *maroteira*) também se associam traços de intensidade, de excessividade e de avaliação. Este filão alargou-se a outros nomes, deadjectivais e denominais, que explicitam propriedades/attitudes (*baboseira*, *parvoeira*), processos (*barulheira*, *tosseira*), estados (*nervoseira*, *preguiceira*), mesmo que metereológicos (*caloreira*, *inverneira*).

Uma concepção sequencialista da mudança dificilmente consegue representar os esquemas de simultaneidade dos vários valores do sufixo, desde os mais remotamente atestados, aos mais recentes. Por isso a necessidade de optar por uma análise que incorpore a multipolaridade – intrassistémica e extrassistémica – de rumos de mudança envolvidos, que consagre as diferentes modalidades de enriquecimento semântico e/ou pragmático activadas, que compagine a coexistência de subjectivização com semantização enriquecida, porque denotacionalmente diferenciada, explicando a prevalência de uns valores sobre os outros.

Referências

- Almeida, M. L. L.; Gonçalves, C. A. 2004. Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro – propostas e problemas. In: *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 237-246.
- Athanasiadou, A.; Canakis, B. C. C. (Eds., 2006). *Subjectification*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Booij, G. 2005. *The grammar of words*. Oxford: Oxford University Press.
- Caetano Mocho, M. C. 2003. *Formação de palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutoramento em Linguística, especialidade Morfologia. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Castilho, A. T. 2004. Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre gramaticalização no contexto do PHPB. In: W. Dietrich; V. Noll (Eds.). *O Português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 203-230.

- Castilho, A. T. 2006. Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: T. Lobo; I. Ribeiro et al. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, tomo 1, 223-296.
- Coelho, J. S. B. 2004. *Semântica morfolexical. Contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. Dissertação de Doutoramento em Letras, área de Linguística Histórica. Universidade Federal da Bahia. 2 tomos.
- Cunha, A. G. 1997. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Givón, T. 1979. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London: Academic Press.
- Ferreira, M.; David, M. www.corpusdoportugues.org.
- Heine, B.; Claudi, U.; Hünnemeyer, F. 1991. From cognition to grammar. Evidence from African languages. In: *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 150-187.
- Hopper, P.; Traugott, E. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. [second edition].
- Kurylowicz, J. 1975. The evolution of grammatical categories. In: *Essais Linguistiques*. Munich: Fink Verlag, II, 38-54.
- Lehmann, C. 2002. Thoughts on grammaticalization second, revised edition. In: ASSiDUE (Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt) 9, Erfurt: <http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/ASSidUE/ASSidUE09.pdf>.
- Mattos e Silva, R. V. 1999. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Traugott, E. 1982. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: W. P. Lehmann; Y. Malkiel (Eds.). *Perspectives in historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 245-271.
- Traugott, E. 1986. From polysemy to internal semantic reconstruction. In: *Berkeley Linguistics Society*. 12, 530-550.
- Traugott, E.; König, E. 1991. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: E. Traugott; B. Hein (Eds.). *Approaches to grammaticalization. Vol. 1 (Focus in theoretical and methodological issues)*. Amsterdam: John Benjamins, 189-218.
- Viaro, M. E. 2002. A sufixação nas cantigas de Santa Maria. Comunicação ao IX Congresso Brasileiro de língua portuguesa – IP São Paulo: PUCSP. Disponível em: <http://www.fllch.usp.br/dlcv/lport/maeviaro.html>.
- Viaro, M. E. 2007. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos derivacionais eiro/eira na Língua Portuguesa. In: G. Massini-Cagliari et al. (Eds.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: Fonologia, Morfologia, Sintaxe*. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 45-84.